

escrita para anúncios. Bouard examina a diferença entre as duas; e interpreta o que está escrito no branco das duas linhas, como sendo um novo cursivo familiar e corrente. Confronta as chancelarias imperiais e as das prefeituras. Brandi (1908) e De Bouard (1924) não encontram casos novos. O A. faz a crítica do texto legislativo (V séc.) do Códice Teodosiano. Examina as *litterae caelestes*, que acabam uma evolução muito mecânica e autônoma e as *litterae communes*, como nos *fac-simili*, afim de esclarecer o sistema proposto no trabalho. O arcaísmo dos papiros de Leide-Paris esclarece o sentido da escrita diplomática dos cinco séculos anteriores: estes papiros fornecem a imagem de uma escrita diplomática romana que se desenvolve; julga ainda o que não é possível admitir que a paleografia e a diplomática comecem com os diplomas merovingios. Está provada, assim a continuidade entre os officios romanos e os das monarquias bárbaras. As conclusões do A. devem, pois, figurar nos tratados e manuais em lugar das de Giry e de Prou.

FRANCISCO ISOLDI.

POINSOT (M.-C.). — *L'Occultisme, la Bible et l'Évangile*. Librairie Secrétan. Paris. 1950. 211 pp.

O título desta pequena brochura é a primeira razão do desapontamento que nos causa a leitura atenta da obra eivada de contradições: um só dos Evangelhos — o de S. João, — nos ministraria matéria para grosso tomo ou vários volumes, quanto mais a Bíblia toda e todos os demais escritos dos apóstolos. Já por aqui se percebe a superficialidade do sr. Poinso. Partindo de pressupostos que estão ainda por provar, como por exemplo, que todos esses livros possuem um sentido esotérico, oculto, só revelável aos iniciados, chega o autor às mais discutíveis conseqüências. Desconhecendo a imensa mole que representa a exegese bíblica, meramente católica como a de Lagrange, Batifol, Duchesne, De Fontaine, Gianella, toda baseada na arqueologia e na documentação mais antiga da história; ou simplesmente protestante como a de Maurice Goguel, Guignebert, Lightfoot; ou profundamente racionalista como a de Harneck, Poinso não escreve uma página sequer isenta de contradições gritantes. Ora nega qualquer inspiração divina da Bíblia, ora aceita que o Gênesis foi revelado por Deus (pgs. 9-10). Ora ataca a exegese católica que sustenta e prova a existência duma revelação primitiva, feita ao gênero humano, ora escreve: "L'Occultisme, il nous indique qu'il y eut une Révélation primitive, unique, connue de l'Initiation Antique, une tradition primordiale, une Religion-Science qu'une Elite reçut d'une Humanité antérieure à la nôtre, et transmit d'âge en âge, défiant les anathèmes et les moqueries et formant l'essentiel de la Doctrine dite Secrète." (10-11). Então, por que atacar tais idéias da exegese católica se o ocultismo também as defende? Mas, como se vê pela citação, toda a ciência do autor se reduz a expressões indefinidas, vagas, cujo maior valor está nas maiúsculas empregadas. Afirma gratuitamente que só a versão dos Setenta é boa porque eram essênios os tradutores, iniciados, portanto, nos conhecimentos do ocultismo. Mas linhas após, referindo-se a S. Jerônimo a quem chama consciencioso tradutor e aperfeiçoador da versão grega de Alexandria, conclui contraditoriamente: "Le malheur est que saint Jérôme n'était point un initié. Il ignorait les "clefs" de l'esoterisme de la Genèse..." (pg. 13). Ora isto não tinha importância porque, sendo tradutor consciencioso e até aperfeiçoador dos Setenta, ainda que não fôsse conhecedor das tais "clefs" do esoterismo, mantendo o texto, manteria *ipso-facto* o tal sentido oculto. Fala em "mathématique sacrée", em "astronomie transcendente" como se houvesse, pe-

rante a matemática uma aritmética sagrada e outra profana, uma astronomia mística e outra herética... O delírio, porém, das maiúsculas e das expressões sem sentido, da declamação que não deve existir numa obra pretensamente científica, está neste trecho: "Il (Randolph Werner, que desafiou Pio XII numa obra: *Reponds, Pie XII!*) montre que l'essentiel de toutes religions (y compris les parties prophétiques de la Bible et de l'Évangile) se rapporte à la fin des Temps et que cet essentiel est également révélé par la grande Pyramide, qui est en somme, en pierre, l'Apocalypse égyptienne, ce qui le conduit à donner une extrême importance (probablement cataclysmique après l'erreur de l'an 1000) à l'an 2109. (Il précise: dimanche 21 avril). Il assure dévoiler la véritable Loi Juive dont le Christianisme ne serait qu'un plagiat de faussaire, de sorte qu'il en arrive à voir en Jésus un imposteur hérésiarque et faux prophète" (pg. 15). E assim vai todo o livro do sr. Poinot, feito de exclamações, de tiradas retóricas, mas sobretudo, de expressões indeterminadas, tôdas em letras maiúsculas por causa da importância esotérica nelas contidas: tão esotéricas que, talvez, nem o próprio autor as entenda. Livros como este são achas na incrustação da grande fogueira que devora o mundo: a demência!

SILVEIRA BUENO.

LEVILLIER (Roberto). — *La America La Bien Llamada. I. La Conquista de Occidente. II. Bajo la Cruz del Sur.* Buenos Aires. Editorial Guillermo Kraft Ltda. 1948. 2 vols. 293+400 pp. 58+153 gravuras. 31/24 cms.

O trabalho do historiador argentino Dr. Roberto Levillier, tendo por título "America la bien llamada", foi editada pela firma Guillermo Kraft Limitada de Buenos Aires em 1948. Abrange dois grandes volumes impressos em bom papel e enriquecidos com inúmeros clichês reproduzindo preciosos documentos, notadamente os cartográficos do começo do século XVI.

No primeiro volume o dr. Levillier passa em revista as descobertas marítimas dos portugueses ao longo da costa ocidental d'África até o encontro do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama; a descoberta da América por Colombo; as bulas e o Tratado de Tordesilhas; as viagens dos navegantes espanhóis ao Novo Mundo e a prioridade deles no descobrimento do Brasil; as viagens de Vespucci a serviço dos Reis Católicos e de D. Manuel; a suposta prioridade de Duarte Pacheco Pereira em se tratando do achamento do Brasil; a debatida política de sigilo dos monarcas portugueses; o que a respeito das viagens de Vespucci escreveram Aires de Casal e o Visconde de Santarém, etc.

O segundo volume encerra um amplo e erudito estudo sobre a cartografia americana vetustíssima e bem assim trata das cartas atribuídas a Vespucci. Este segundo volume é, inegavelmente, a parte mais interessante e original da obra do erudito historiador argentino.

O Dr. Levillier que é um fervoroso vespucista, quiçá o maior panegirista do Florentino, esposa a opinião do escritor brasileiro Francisco Adolpho de Varnhagen que, a partir de 1865 até 1869, procurou sustentar a todo o transe que de tôdas as cartas atribuídas a Vespucci, as únicas autênticas são a "Lectera a Soderini" e a "Mundus Novus", disso resultando ter o Florentino realizado quatro viagens ao Novo Mundo: as duas primeiras (1497-98 e 1499-500) a serviço da Espanha e as duas últimas (1501-1502 e 1503-1504) por conta de D. Manuel, rei de Portugal.

Trata-se de uma tese combatida de modo brilhante pelo professor italiano Alberto Magnaghi em 1924, e hoje em dia considerada obsoleta, pois tanto nos Estados Unidos da América do Norte (Frederick Pohl), como em Portugal